

A Morte De Diego Rivera

E. DI CAVALCANTI

N.R. — Faleceu no México o pintor Diego Rivera, nome mundialmente conhecido. A notícia nos chegou no momento em que encerramos os trabalhos desta edição. Ainda assim, foi-nos possível obter de Di Cavalcanti, amigo de Rivera, o seu testemunho sobre o grande artista que acaba de desaparecer.

— Quando no México Diego Rivera mostrava-me os trabalhos, expostos no Palácio de Belas Artes, em comemoração ao seu cinqüentenário de pintor, eu acompanhava dois grandes poetas deste mundo, Paul Eluard e Pablo Neruda. Ouvimos o mestre silencioso e comovido. Se Pablo Neruda compreendia a força teórica mexicana de Rivera, Paul Eluard observava as sutilezas de Diego, discípulo dos renascentistas da Umbria, transpando para as escales do Palácio do Governo da Cidade do México a ciência dos afrescos italianos.

Hoje lembro-me de Rivera, na certeza de que seu exemplo tão significativo mostra até ponto a pintura pode se incorporar ao patrimônio moral de uma nação. Ele deu ao México de hoje, exercendo um patriarcado entre seus colegas, um patrimônio inalienável. Serviu dignamente ao povo... Que imensidão de coisas serão ditas sobre o gigante irrequieto que tomba, um dos maiores pintores do Século XX!



Siqueiros, Di Cavalcanti e Diego Rivera, no México.

AS ARTES NO BRASIL

PARA São Paulo antes, e depois para o Rio, virá um conjunto de desenhos e gravuras dos melhores artistas brasileiros.

DE Georgina de Albuquerque encontra-se na Vila Rica uma exposição leve e bem harmonizada com o ambiente colonial da casa. Nanquins e aquarelas focilham Oito Pictos, São Paulo, e os seus profetas nascidos do genial escopo do Aleijadinho. Os traços macios e firmes do desenho revelam as incalçáveis qualidades lineares de quem se afirmou na pintura pesquisando pela primeira vez entre nós os efeitos cromáticos do nu ao ar livre.

ALAIM CORREA, Flexa Ribeiro, respectivamente diários, representantes da Comissão de Artes Plásticas da Comissão de Museus e da Associação de Críticos de Arte, no júri que designará o prêmio Gugenheim nacional (mil dólares).

ATÉ o fim do mês permanecerá exposto, no Clube dos Artistas, em São Paulo, as telas do jovem pintor Paulo Morana. O evidênto interesse de Morana pela realidade exterior parece concentrar-se nas naturezas mortas que compõe de maneira simpática e sóla.

PETTIT SALON na Maison de France — Dentro os con-

correntes, o júri de seleção desta mostra (inaugurada a 26) escolheu trabalhos de 15 artistas, brasileiros (pintores e gravadores). Figuram ainda artistas convidados, dentre os quais Goeldi, Portinari, Guignard e Di Cavalcanti. Prêmio: viagem de um mês à França (Paris e província).

SALAO DO MAR — Anuncia-se que a comissão de seleção já fez o seu trabalho, não tendo sido divulgados, porém, nomes de artistas e número de obras aceitas para exposição. Uma das mostras que despertando grande interesse, deverá ser inaugurada em janeiro próximo.

ROSA PESSOA e LUCY CARLENDAS realizarão, com abertura a 2 de dezembro, uma exposição de cartões de Natal, no salão do Diretorio da Escola Nacional de Belas Artes. Além dos cartões objetos de decoração, ligados à festa, serão expostos.

NA Sala da Mulher Brasileira do MNBA está aberta ao público a individualidade de Julio José, jovem peruano apresentado pela embaixada de seu país.

CIRCULO DE AMIGOS DA ARTE — Esta entidade fez realizar durante o mês de novembro, uma série de iniciativas culturais, que relacionados: pa-



Desenho inédito de Rivera (coleção Jorge Amado)

Crônica das exposições

DESENHOS DE SELLAR

VERA TORMENTA

INAUGUROU-SE na Biblioteca Nacional a exposição de desenhos de Carlos Sellar. Desenhos recentes, realizados durante suas viagens pelo Brasil, quando em gozo do Prêmio de Viagem ao País que recebera no Salão Nacional de Arte Moderna de 1954. Desenhos muito íntimos, quase anotações, sensíveis, espontâneos. Desenhos de pintor. Para um público habituado com os desenhos espetaculares de Aiderm Martins, com o desenho "grande", destinado a ser pendurado na parede, quase decorativo, a exposição de Sellar deve ter causado estranheza. E ne entanto os trabalhos que Sellar apresenta são bastante completos, não são croquis. Talvez seu grande mérito esteja justamente nisso: a despretensão. Esses desenhos são peças delicadas, para serem vistas de perto, para serem guardadas em pastas, manuseadas com carinho. São desenhos que só podem interessar a outros artistas.

Dentro de suas características, poderíamos talvez lamentar uma certa frieza, mas o grafismo puro dos desenhos a nanquim, a utilização do lapis de cor, as levissimas aquarelas são tratados com mestria e despertam interesse. Sellar sabe dar luz aos brancos e isso se nota na série de felhagens, que por sinal foi a que mais nos agradou. Os retratos são também de qualidade, sobretudo os auto-retratos em que conseguiu exprimir toda a clareza de sua figura. Sellar é um homem claro por excelência, olhos, cabelos, face, dentes. E dentro de toda essa luminosidade há algo de visionário, um pouco vangoghiano. A série de bichos é bonita, mas ainda dentro de certas convenções, lembra-nos talvez da sua fase anterior, da qual, parece-nos, está se libertando. Seus desenhos agora são muito mais livres e expressivos e anunciam novos interesses.

É difícil analisar-se a obra de um artista como Sellar. Interessado nas coisas pequenas da natureza, nas atividades cotidianas dos homens de sua terra, o Rio Grande do Sul, o artista nos mostra um mundo especial, muito seu. Não temos a intenção de fazer crítica da exposição de Sellar, mas não podemos deixar de registrar o trabalho de um artista sério, que apreciamos e sabemos respeitar.

HANSEN EM SÃO PAULO

ANATOL WLADYSLAW

Hansen expõe na Galeria Ambiente. O artista, certamente, dispensa apresentação, pois o seu nome é bem conhecido. Esta exposição revela parte de serena gravuras, divididas em três séries denominadas "Flor de São Miguel" (em nova edição), "Bahia" e "Navio Negroiro". Todas as

AGNALDO NA "PETITE GALERIE"
HAROLD COSTA

A presença de Agnaldo dos Santos na Petite Galerie, nos dá a certeza da existência de uma valorosa manifestação plástica baseada em motivos neoclássicos e na mitologia afro-brasileira. Os trabalhos do excelente escultor baiano, nos revelam o seu extraordinário poder de comunicação e aumentam consideravelmente a galeria de expressões autônomas tão comuns e prezadas em outros países, em que os negros estão presentes na sua cultura e que aqui no Brasil são de alguns anos para cá vem sendo reconhecidas. A arte de Agnaldo se encontra no que de melhor se faz no cenário em outros países. O que impressiona mais de tudo, é a natureza que o escultor possui, e a densidade que ele consegue em toda a sua obra.

As esculturas de Agnaldo (sem concluir na 15.ª pag)

DESENHOS E PINTURAS DE PLATTNER

ABELARDO ZALUAR

A obra de Plattner com sua atmosfera de estranheza nos faz despertar certas reminiscências pre-renascentistas. O tratamento estilístico de suas figuras, se por vezes se filia a um sentimento expressionista, por outro, lembra também algo de surreal, nas situações em que são apresentadas as figuras. As superfícies gradeadas de riscos revelam certa expressão de angústia no desenho e apressamento das linhas da linha. Essa maneira é suavizada em alguns trabalhos pela organização de uma composição repousante, de uma estrutura quase monárquica. Grandes planos e linhas pretendidinhas de fundo que contrastam com a sinuosidade torturada das figuras que nelas se lançam. Realiza esse fusão com liberdade e sensibilidade, o que lhe garante um conjunto satisfatório.

Plattner, mesmo na pintura, se enquadra dentro do sentimento linear da forma. Wolffin não teria hesitado em classificá-lo como exclusivamente linear. No desenho, a existência da linha é condição essencial, e dela Plattner extrai o máximo de riqueza, atingindo as fronteiras do requinte. Não a abandona, entretanto quando faz pintura. Sua antiga tendência para o grafismo não resiste a superfície simplesmente pintada, em que a cor deve constituir o veículo principal da expressão plástica. Necessita de abrir, com materiais diversos as linhas que expressarão a estrutura da forma,



Desenho de Plattner

tores paisagistas. A introdução dos cinzas deve ter, pois, outra explicação, talvez resultando da influência que o aspecto dos muros, na parte velha da Bahia, onde o artista vive, poderia ter sobre a sua sensibilidade.

O traço principal que caracteriza a obra de Hansen é o seu amor ao próximo, principalmente ao homem desprezado, ao infeliz. É o tema antes de tudo que o preocupa. Tem e não é solução plástica, fato esse que provoca um desnível às vezes bem marcado, no valor das xilogravuras expostas. Para exemplificar tentemos descrever algumas gravuras, visto que as obras não trazem nome.

Vejamus uma das gravuras da série "Bahia", três grandes figuras de negros sentados juntos, sa- umam loja de artigos funerários, ocupam a metade da gravura. Esta parte, já por si realçado pela massa dos três homens, é ainda mais valorizada pela profundidade dos detalhes com que foi desenhado o interior da loja. Ora, esta parte de quadro tem para a equilibrar apenas o desenho fígúal de um carrinho de vendedor, que se observa contra o fundo de uma parede lisa. O desequilíbrio resultante é chocante.

Mais um exemplo com uma gravura da série "Navio Negroiro", representa a coberta e o velame de um navio. Embaixo, uma faixa horizontal marca a passagem de nuvens; mais acima, outra faixa horizontal marca a passagem de nuvens para o céu. O contraste de algumas obras necessitam,

(Conclui na 13.ª pag.)

A CRIAÇÃO DE UM MERCADO DE ARTE

Quadro Também é Mercadoria

SURGE NOVA GALERIA DE ARTE — A "BOLSA DE VALORES" — ESCULTURAS ENTRE JARDINS — NOVO PONTO DE REUNIÃO PARA OS ARTISTAS

Entrevista concedida a DANIEL DE OLIVEIRA

alguns anos Sergio Camargo batalhou intensamente sentido de ser criada uma sala que facilitasse aos artistas a aquisição de material e o de custo, exposições de pinturas, etc. A idéia não foi aceita. Mas agora volta a organização de uma galeria de arte montada em bases especiais. Trata-se de GEA — loja de plantas e sala de exposições. A parte destinada às plantas ficará a cargo de J. V. Villa, que é botânico, e a parte de exposições sob a direção de Camargo. E agora o artista que, como tal conhece melhor do que ninguém as dificuldades materiais que se apresentam diariamente aos artistas em geral.

A CRIAÇÃO DE UM MERCADO DE QUADROS
Podemos considerar como

inexistentes o "mercado de quadros" no Brasil — diz Sergio. Já existe um público interessado em arte, e não há falta de compradores, mas o contato do artista e do comprador não se dá como deveria ser. O artista não consegue vender suas obras, não sabe onde encontrá-lo. É importante também o fato de que, como vendedor de suas obras, o artista não tem o conhecimento de mercado que o comprador tem, e isso também é uma dificuldade. Já estamos trabalhando para a criação de um "mercado de quadros", o que ainda não existe por falta de interesse em estabelecer esse mercado que deveriam se ocupar disso: os donos de galerias. Aqui no Brasil o artista é o próprio vendedor de suas obras e essa, ao meu ver, a missão das galerias de arte.

— Como pensa você resolver o problema, Sérgio?
— As exposições que vamos organizar na GEA estarão justamente dentro deste espírito. Os quadros expostos serão postos à venda e procuraremos interessar

o comprador, de maneira que a procura se intensifique. Resultará desse encontro, e segundo a lei da oferta e da procura, uma cotação de valores que se irá definir com o volume de compras, produção do artista, etc. Por sua parte o artista verá seu trabalho (mercadoria) valorizado, sem que se preocupe com a busca do eventual comprador que o faça subsistir. Isso é de uso corrente na Europa. Em minha opinião, continua Sérgio, os artistas só podem fugir do "mercado" fundando uma cooperativa que se encarregaria de defender seus interesses, mas já que isto não foi possível realizar, e tendo surgido agora essa oportunidade, não hesitei em levá-lo, avante a idéia. Estou tanto mais interessado nisso que sendo eu próprio artista sinto-me no mesmo impasse. A galeria estando economicamente livre, já que entrosada à uma firma que lida com plantas e jardins, não precisaremos cobrar aluguel do local ao artista. Suas despesas ficarão reduzidas ao mínimo.

BIENAL DE S. PAULO
A propósito da edição de PARA TODOS referente à V Bienal de São Paulo, recebemos da direção do Museu de Arte Moderna de São Paulo a carta que a seguir transcrevemos:

Senhor Diretor de PARA TODOS:
É com sincera satisfação que em nome da Diretoria do nosso Museu, e dos funcionários da Bienal de São Paulo nos é dado apresentar a Vossa Senhoria e a seus colaboradores nosso profundo agradecimento pelo valioso apoio que o PARA TODOS quis assegurar ao nosso trabalho, prestigiando com a mais interessante e completa cobertura jornalística a exposição recém-aberta ao público.

Reconhecê, aliás, a Bienal de São Paulo a essa preciosa cooperação e espírito de amigável compreensão com que nossa tarefa pode contar e que constitui para todos nós o melhor incentivo e prêmio. Queira, Senhor Diretor, aceitar nosso renovado agradecimento, e as expressões da nossa mais elevada consideração.

ARTURO PROFILI
Secretário Geral



"Fachada", óleo de Volpi

Compilou os GRANDES ROMANCES DE MENEZES

ROMANCES QUE NÃO FORAM ESCRITOS
EMILIO DE MENEZES, O ÚLTIMO BOÊMIO

Adquira hoje no seu livreiro esta excelente obra, enriquecida com originais ilustrações. Caso não a encontrar, ou se quiser recebê-la pelo Reembolso Postal, preencha o cupom abaixo, assinale com um "X" o quadro correspondente ao volume desejado, recorte o cupom e remeta-o a LIVRARIA MARTINS EDITORA (Rua Rocha, 274 - São Paulo).

Preço: cr\$ 150,00
Outra notável biografia do mesmo autor: "EMILIO DE MENEZES, O ÚLTIMO BOÊMIO", já em 3ª edição! Preço: cr\$ 90,00

ROMANCES QUE NÃO FORAM ESCRITOS
 EMILIO DE MENEZES, O ÚLTIMO BOÊMIO

Nome _____
Rua _____
Cidade _____
Estado _____

ria

po, ele terá a
seu quadro será
estaremos empe-
de valo-
anti para a so-
artista Quadro A
sa noção precisa
mente es abele-

ORGANIZA-
XPOSIÇÕES

a forma que
er a garantia de
val e: vendida,
comprador pre-
à qualidade do
quiriu. E já que
sões não será
os velar pelo ní-
das exposições,
s expressamente

parece que a ven-
ossa vir a preju-
nio de galeria?

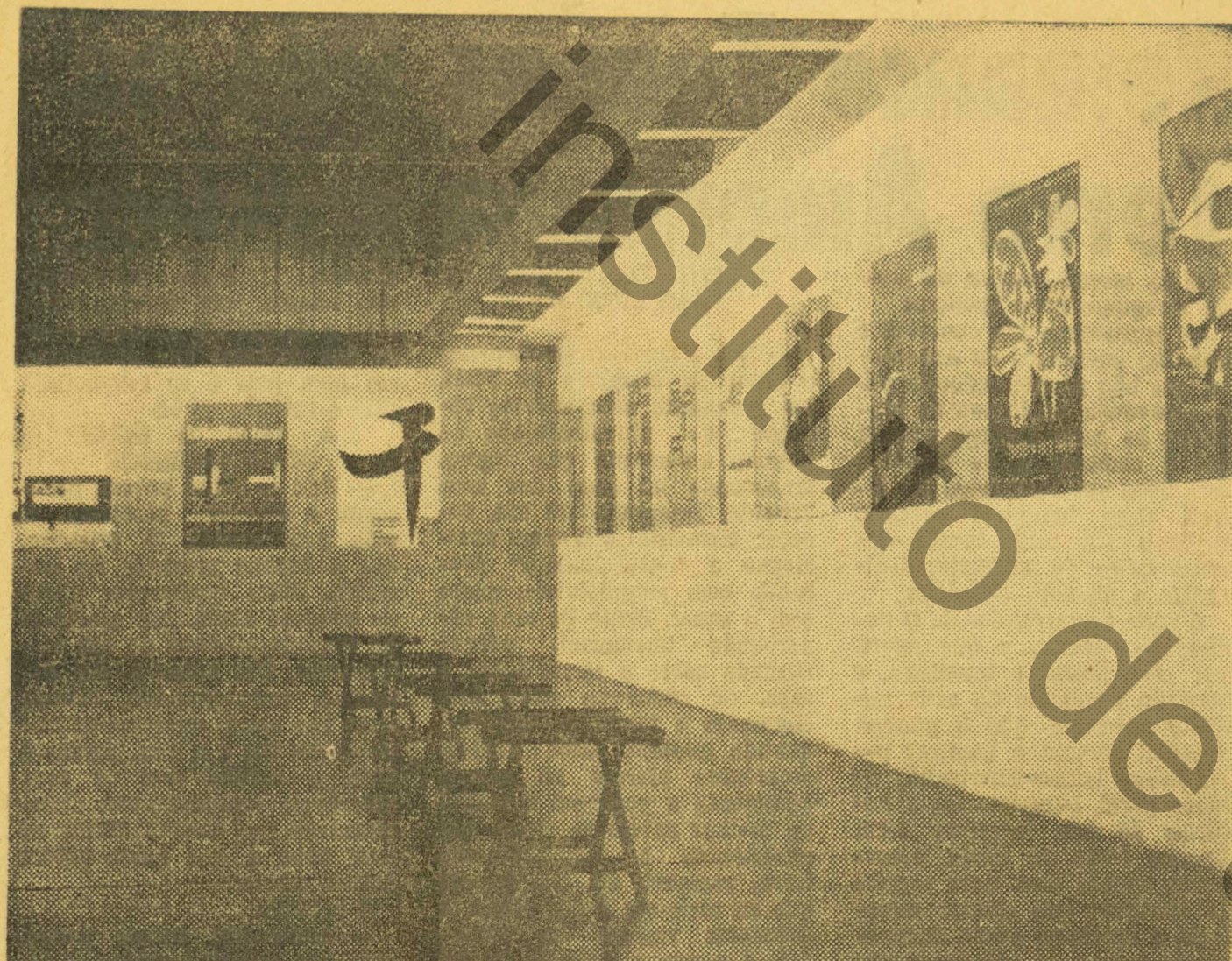
to. O móvel in-
mais, se é que as
incorporar al-
leria de decorar
jarras e bibe-
feris muito dire-
quido em seu
desviar a aten-
ontrário. E' na-
o. Ademais, co-
ver a parte des-
ções: é o girar,
amente isolado
Entre as plan-
postas as escul-
o a seu devido
cio das plantas
tudo aumentar
situação à expo-
sempre interes-

URAÇÃO

exposição da
coativa: pintu-
Dacosta, Maria
Krajberg e
ras de Bruno
pedros, Franz
priprio Sérgio
uir teremos a
does entre os
marge, Marcelo
el. Anna Lety-
z, Otavio Arsu-
ic. Consta
na la loja or-
ções de artis-
e eventualmen-
te coleções
com: a finalida-
rmação ao pú-

da iniciativa,
das exposições
que serão leva-
nhamos interes-
blico essa nova
go Camargo,
le PARA TO-
distas e amigos
nas: a duração de
zembro, à Rua

azer de sua
reunião dos
ntes estant-



Aspecto da exposição de cartazes do M.A.M.

EXPOSIÇÃO DE CARTAZES

(Conclusão da primeira página)

cessidade, como um meio indispensável de comunicação e contato, surgiu, em sangue de encarnados, em ouro de amarelos, em folhagens de verde, e céus de azul, o cromatismo dos cartazes. Era o grito, a exclamação percuciente varando os dias e as noites, em cores de tinta e de luz, atirando no espaço o seu aviso, fazendo ressoar o seu pregão, compondo a claridade, decorando a escuridão, pronunciando através da cidade uma vontade múltipla e contraditória que é dela a vontade verdadeira.

São assim os cartazes vivos e coloridos uma linguagem, uma voz das cidades modernas, eles nos chamam, nos aconselham, nos dizem segredos, nos comovem. «Encontramo-los por toda a parte: nas ruas, nas gares, nos cinemas, nos pátios das fábricas», por toda a parte nos falam com as suas palavras e atraentes. E no começo das madrugadas, em recantos esquecidos dos notivagos, aquilo que disseram em voz alta durante o dia, talvez murmurem consigo, talvez conversem entre si, e entre si se confessem histórias de ateliers e de artistas, torturadas descobertas, aflitivas misérias.

Os cartazes são um livro, um grande livro aberto a todos os olhos, livro ilustrado de todos os desejos, de todas as volúpias, de todas as ambições humanas, uma história inteira das ansiedades dos transeantes, das impaciências dos costumes de todos os dias, um livro que

arte gráfica que vem ocupando intensamente vários artistas na Polónia. Jan Lenica, que com Tomaszewski possuem cartazes na exposição do M.A.M., escreveu em número ainda recente da revista Polska — revista que por si mesma já é uma documentação da magnífica arte gráfica polonesa — que «os cartazes poloneses criaram o seu estilo particular, seu característico perfil artis-

JOAQUIM CARDOZO

tico. Assim como a arte popular polonesa eles são singularmente coloridos e originais. Todos os trabalhos expostos constituem um bom conjunto dessa especialidade gráfica, aonde, além dos já citados, poderemos ainda notar o cartaz para a exposição «Art Nouveau und Jugendstil», assim como os que, para a exposição de Burle Marx, foram compostos e exibidos na Alemanha.

“Dez Anos de Pintura Italiana”

PEDRO MANUEL

A ATUAL exposição italiana, de caráter antológico, revela no título o critério histórico de sua limitação. Apoiando-se sobre bases estritamente temporais, quando não políticas (o decênio coincide com o princípio da República), inicia por ignorar o único princípio válido numa

arte — podemos dizer que esta mostra representa a maior parte dos espíritos criadores italianos, além de ser uma dupla lição para nós. Uma lição quanto ao método seletivo, isento de fanatismos, para o M.A.M. do Rio, e uma reprovação para a estagnação da Bienal de São Paulo que, como o

mestre que sabe fundir o mistério da fábula quotidiana com a rigorosa determinação do espaço. E' o caso do anti-retórico Rosai, inimigo do episódio. Escritor e pintor recorre ao pincel para exprimir as emoções visuais despidas de acessórios, deixando para a pena a descrição. Pela delicadeza da pincelada e a contida emoção evidencia-se Pio Semoghini, velho mestre universalmente respeitado. Renovado na própria intuição aparece um Carrá não metafísico, aparentemente voltado para um neo-impressionismo pessoal e por isso mesmo interessante.

Agitado entre tons terrosos e quentes Carena polemisa com Campigli, clássico e abstrato. A figura feminina, os galáxias, as escadarias, o por



UM SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO

— Uma das recomendações aprovadas pela assembleia geral do Congresso, diz Mário Barata, se reveste de grande importância para nós: a realização, em setembro de 1958, do Seminário Latino-Americano de História e Crítica de Arte, que terá lugar no Rio e que poderá trazer professores de história da arte dos diversos Estados e de países como o México, Cuba, Chile, Argentina e outros, de experiência

O VI Congresso Internacional de Críticos de Arte

A ARTE ATUAL ESTÁ NUM COMPASSO DE ESPERA

ESCOLHIDO O RIO PARA LOCAL DE REALIZAÇÃO DO SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO — AS FORMAS MODERNAS DÃO NOVO SENTIDO AOS OBJETOS DE USO DIÁRIO — REESTRUTURA-SE A ORGANIZAÇÃO DA BIENAL DE VENEZA — DECLARAÇÕES DO CRÍTICO MÁRIO BARATA, REPRESENTANTE BRASILEIRO NO CONGRESSO

Entrevista concedida a VERA TORMENTA

comprovada nessa especialidade, além de críticos de renome de várias nações latino-americanas. O Seminário será promovido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte, em cooperação com órgãos culturais do Ministério de Educação. Entretanto, só poderemos realizar esse simpósio se o Parlamento aceitar o pedido de crédito, previsto em emenda ao Orçamento Federal. O Brasil começa a destacar-se no terreno da História e da Crítica de Arte e a resolução de um congresso importante, como o realizado em Nápoles, vem comprovar isso. A realização do Seminário reforçará o prestígio da nossa cultura nas Américas e no mundo.

INTEGRAÇÃO DA ARTE COM A INDÚSTRIA

— O mais importante tema abordado no Congresso, continua Mário Barata, foi o da ligação das formas modernas com a vida cotidiana e sobre isso opinou a delegação brasileira. Por minha parte observei que essa integração já está sendo feita através da indústria, e isso podia ser comprovado na própria Trienal de Milão, onde uma série de obje-

tos mostrava que na Itália, na Suécia, Finlândia, Suíça e em outros lugares a forma moderna harmoniosa e estética do produto industrial é aceita pacificamente. Fizeram declarações oportunas Herbert Read, Mário Pedrosa, Carlos Argan e Gillo Dorfles, um dos relatores, cuja intervenção apreciei muito. Tece uma série de con-

OUTROS TEMAS DE DEBATE

— Outros assuntos foram também submetidos à apreciação dos congressistas?

— Sim, se bem que de menor importância, responde Mário Barata. Voltou-se a abordar o tema da terminologia da crítica de arte, tratado no último congresso, e decidiu-se fa-

Outro assunto de debate, tratado, aliás, com muita diplomacia, foi a substituição de Pallucchini na organização da Bienal de Veneza. Independentemente do valor do conhecido professor de história da arte da Universidade de Pádua, estão se sucedendo movimentos subterrâneos de opinião relativamente à orientação da seleção artística da Bienal de Veneza. Recentemente Pallucchini foi substituído pelo professor Dellacqua, diretor da Pinacoteca de Brera, em Milão. Houve posteriormente uma reunião de técnicos e críticos de arte, e artistas e professores debatendo a reestruturação da Bienal italiana.

A IMPORTÂNCIA DOS CONGRESSOS

— Ninguém pode negar a importância desses congressos, diz ainda Mário Barata. Eles tornam claros, publicamente, problemas que já vinham sendo trabalhados e estudados por grupos de críticos e professores de história da arte, nos centros culturais de vanguarda. E note-se, a vanguarda não é uma atitude de escândalo, mas resulta de bases culturais sólidas e profundas de um determinado ambiente.

O AMBIENTE ARTÍSTICO EUROPEU

— Além do Congresso, que mais você viu de positivo na Europa atual?

— Vi muitas exposições importantes, mas a que mais me impressionou foi a Exposição da Escola de Paris 1957, pela constatação de que a arte atual está num compasso de espera, com muita repetição e pouco entusiasmo. Os artistas fazem a mesma coisa que em 46 e 47, mas com muito menos vigor e espírito criador. Sente-se a falta de qualquer coisa no momento artístico europeu de hoje. A exposição da Escola de Paris deu-me essa impressão de forma violenta, mais que qualquer outra, pois se tratava de uma coletiva, e aí as comparações podem ser feitas. Parece-me que daqui a alguns anos teremos que falar de novo sobre a arte de nosso tempo e de maneira surpreendente e imprevisível hoje. O próximo Congresso de Críticos de Arte será realizado em Varsóvia, em 1960. Aí muita coisa terá de ser revista.



Prêmio compasso de ouro "Rinascete", de 1956, exposto na Trienal de Milão

siderações muito interessantes, que certamente você não poderá reproduzir aqui (conheço bem o problema de espaço do jornal), e inclusive cita Niemayer e Burle Marx quando se refere à influência quase inconsciente da "vida formativa" do objeto industrial nos outros domínios das artes visuais.

zer-se um dicionário. Aliás, Antônio Bento, no ano passado, escreveu um artigo para PARÁ TODOS a propósito das discussões em torno da matéria. Antônio Bento que tinha ido para o Congresso em Nápoles, foi atingido pela "asiática" em Roma, o que o impossibilitou de acompanhar os trabalhos).

AS ARTES NO MUNDO

DE abril a junho do ano vindeiro, na cidade do México, será organizada pelo Instituto Nacional de Belas Artes a primeira Trienal de Milão.

EM julho de 1958 realizou-se em Bruxelas, por ocasião da grande exposição internacional, a próxima assembleia geral da Associação Brasileira de Críticos de Arte.

notavelmente, modificando-lhe o estilo a tal ponto de serem consideradas como precursoras do barroco as obras por ele executadas.